

ESCOLA FLORESTA: MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES DAS TESES E DISSERTAÇÕES COM ENFOQUE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS TERRITORIALIDADES AMAZÔNICAS

Tayane Gleice Pinheiro Lima¹
Joana d'Arc de Vasconcelos Neves²
Valdeci Batista de Melo Oliveira³

RESUMO

O presente trabalho tem como foco a Escola Floresta e seu diálogo com as territorialidades amazônicas. Objetiva-se apresentar o mapeamento de teses e dissertação sobre a Escola Floresta nas territorialidades amazônicas entre os anos 2010 a 2021. Para tanto, foram analisadas as produções do conhecimento sobre Escola Floresta nas interfaces amazônicas presentes em teses e dissertações publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações (BDBT), com finalidade de a) analisar os sentidos construídos sobre escola floresta apresentadas nas produções; b) diagnosticar as territorialidades amazônicas utilizadas como *lôcus* das pesquisas; c) identificar as categorias acionadas para dialogar com a Escola Floresta; d) analisar os diálogos construídos entre essas categorias e os sentidos construídos sobre a Escola Floresta. Metodologicamente é uma pesquisa de cunho bibliográfico, do tipo estado do conhecimento, na qual foram catalogadas teses e dissertações registradas no banco de dados da BDBT nos últimos 11 anos (2010 a 2021) o que configurou o *lôcus* da pesquisa. Os resultados são analisados e sistematizados a partir de duas categorias temáticas: sentidos construídos sobre Escola Floresta e diálogos construídos com e sobre a Escola Floresta.

Palavras-chave: Educação; Territorialidades; Amazônia; Escola Floresta.

ABSTRACT

The present work has foco on Forest School and its dialogue with Amazonian territorialities. The objective is to present the mapping of theses and dissertations about the Escola Floresta in the Amazonian territorialities between the years 2010 to 2021. Therefore, the productions were analyzed in the Amazonian interfaces present in theses and dissertations published in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDBT), with purpose of a) to analyze the meanings constructed about the forest school presented in the productions; b) to diagnose the Amazonian territorialities used as the locus of research; c) to identify the categories used to dialogue with Forest School; d) to analyze the dialogues built between these categories and the meanings built on Forest School. Methodologically, it is a bibliographic research, of the state of knowledge type, in which theses and dissertations registered in the BDBT database in the last 11 years (2010 to 2021) were cataloged, which configured the locus of the research. The results are analyzed and systematized based on two thematic categories: meanings built on Forest School and dialogues built with and about Forest School.

Keywords: Education; Territoriality; Amazon; Forest School.

Data de submissão: 31. 08. 2022

Data de aprovação: 06. 06. 2023

¹ Mestranda no programa de pós Graduação Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará. Professora - Secretaria Municipal de Educação De Salvaterra. E-mail: tayane.lima@soure.ufpa.br

² Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Pará. Atualmente é Docente do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes da Amazônia e professora Adjunta da Universidade Federal do Pará Campus de Bragança-Pa, E-mail: jdneves@ufpa.br. jdneves@ufpa.br

³ Doutora em Letras. Professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: valsinha.mello@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Debates recentes no território nacional acerca das subjetividades, identidades e territorialidades tem aguçado o interesse dos grupos de pesquisas latino-americanos sobre questões educacionais existentes na complexidade das territorialidades amazônicas. Estudos que se propõem a refletir a respeito das práticas educativas necessárias para ressignificar as visões dos sujeitos Amazônidas em relação as suas territorialidades; concernente às experiências promovidas e as concepções de escola em relação aos sujeitos e sua pluridiversidade.

Ao nos referirmos às práticas educativas nas territorialidades amazônicas, necessário entendermos como nos fala Becker (2010) que as territorialidades são: a) espaço de práticas como produto e meio dessa própria prática; b) são processos humanos; c) são manifestadas nas relações pessoais e cotidianas e nas complexas relações sociais; d) são manifestações ocorridas nas relações entre o local e global. Então ao situá-las nos territórios amazônicos, não nos reportamos apenas na relação do ser humano com a natureza em sua escala de espaço e práticas e ou produtos usados, mas nas relações sociais, consubstanciada nas relações vividas, agidas e de poder (NEVES; BRASILEIRO, 2020).

Assim, compreender o contexto da educação nas territorialidades amazônicas, significa também analisá-las em suas dinâmicas de produção das práticas educativas, bem como, as territorialidades rurais, ou seja, nos processos de formação em diálogo de saberes com as territorialidades humanas dos campos, das águas, e das floretas. Dinâmicas que contribuem com a construção de matrizes pedagógicas específicas do campo, das águas e das florestas que colaboram para a formação humana e constituição dos sujeitos amazônicos.

Destarte, que diante de projetos homogeneizadores de pensar a educação brasileira, de negação da diversidade e silenciamento das diferenças, os povos das territorialidades amazônicas expressam resistências em práticas educativas que se dinamizam e se transformam em relações sociais e com a sociobiodiversidade amazônica. Como afirma Cordeiro (2017), nesses territórios os povos lutam por suas terras, florestas e rios vivenciam processos educativos diferentes das cidades, processos vividos em redes de solidariedade; práticas populares; vivências comunitárias; aprendizagens e ensinamentos socioambientais.

Desta forma, o debate sobre a educação nos territórios amazônicos, não pode negar que o *locus* dessas práticas são as territorialidades das águas, dos campos e das florestas com suas linguagens, saberes e viveres. Coexistem entre si, com a comunidade e com a natureza, cujas fronteiras estão inter-relacionadas às questões políticas, culturais, ambientais, econômicas e sociais. São experiências que potencializam os povos nos mais diversos territórios amazônicos: escola do campo, indígenas, ribeirinhos, quilombola e escola floresta em suas práticas e dinâmicas territoriais.

Nessa pluridiversidade das territorialidades amazônicas que não conforma um só povo, mas congrega a todos em torno de um só tema, uma cosmologia originária dos múltiplos, tornada possível no diálogo, se faz necessário visibilizar as formas dessas populações se conhecerem, compreender suas categorias de conhecimento que reportam aos seus projetos de forma não excludente.

Assim, ao lermos “Escola da Floresta” podemos entender que a “forma”, a “organização” e a “instituição” escolar foi levada “mata a dentro”. Nesse sentido, ao focarmos nossa discussão nas Escolas Florestas nas territorialidades amazônicas estamos segundo Cruz (2019), falando de escolas que são símbolos de abordagens ecopedagógica diferente para crianças, jovens e adultos, assim como para os pais, mães e professores. Uma modalidade de prática fundamentada no processo de descolonização epistemológica e conseqüentemente, de reeducação relativamente à própria escola, entendida como um espaço de formação de identidades profissionais e de (re)produção de saberes amazônicos, ou seja, um espaço fértil

no qual a construção de conhecimentos e identidades entre professores e alunos é realizada mediatizadas pelas linguagens e saberes sobre/na/com a ancestralidade da própria natureza.

Nesta perspectiva, parte-se da compreensão que as Escolas de Floresta, construídas nas territorialidades amazônicas, dialogam com saberes e as vivências dos povos amazônicos, com suas singularidades e subjetividades, compreendendo a floresta e seus saberes como a mediadora, anciã e mestra do aprendizado e da própria relação do humano com a natureza. Nesse processo, a natureza e os saberes sobre ela tornam-se o princípio da prática educativa.

Situamos esse estudo no campo das pesquisas bibliográficas do tipo conhecimento, pois se compreende que esse tipo de pesquisa potencializa sistematizar os avanços e lacunas quanto a essa temática, na medida em que apresenta as informações que vem sendo produzido e ainda faz um indicativo da probabilidade de integração de diferentes pontos de vista, das contradições, dos conceitos e novas perspectivas e inovação. Desta forma, objetiva-se apresentar o mapeamento de teses e dissertação no que se refere à Escola Floresta nas territorialidades amazônicas entre os anos 2010 a 2021.

Dessa forma, analisamos o estado do conhecimento a partir da temática Escola Floresta nas territorialidades amazônicas considerando os aspectos quanti-qualitativos. Os objetivos específicos entrelaçam-se ao objetivo principal da pesquisa, a saber: a) os sentidos construídos sobre escola floresta apresentadas nas produções; b) diagnosticar as territorialidades amazônicas utilizadas como *locus* das pesquisas; c) identificar as categorias acionadas para dialogar com a Escola Floresta; d) analisar os diálogos construídos entre essas categorias e os sentidos construídos no que diz respeito à Escola Floresta.

O mapeamento das produções desta temática em tela foi realizado no Banco de Dados da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD CAPES. Para tanto, foi utilizado como palavra chave “Escola Floresta” no qual foram identificados 723 trabalhos. Após a triagem pela leitura do resumo e palavras chaves, foram selecionados apenas 6 trabalhos.

Assim, para apresentar o resultado desta pesquisa, o artigo foi estruturado da seguinte forma: primeiramente apresentamos uma discussão introdutória do estudo, mostrando as categorias centrais e breve discussão relacionada ao tema; por conseguinte, os caminhos metodológicos que embasaram as discussões em relação às pesquisas do tipo estado do conhecimento e posteriormente os resultados desse estudo destacando: a) Sentidos construídos relativo a Escola floresta e b) Diálogos construídos com e sobre a Escola floresta.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa de cunho bibliográfico trata do estado do conhecimento da Escola da Floresta e os diálogos com as territorialidades amazônicas; objetiva apresentar o mapeamento das pesquisas em teses e dissertações sobre o tema nas publicações da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações entre os anos de 2010 a 2021.

O estado do conhecimento se constitui no processo de conhecer a produção do conhecimento realizado em determinada área em uma fonte específica; neste caso, BDTD CAPES, segundo Ferreira (2002), define-se pelo seu caráter bibliográfico. Seu desafio é mapear e analisar a produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento apontando os aspectos e dimensões destacados e privilegiados, as condições tipos de produção: teses, dissertações, periódicos e comunicações em anais. Para Medaets (2013), esse levantamento e análise sobre a produção do conhecimento de um determinado tema é necessário no curso do desenvolvimento científico na medida em que classifica periodicamente as informações e os conjuntos de resultados obtidos sobre a temática de estudo.

Segundo Ferreira (1999) é um campo de estudo complexo, mas que potencializa aos pesquisadores compreenderem o que se tem construído ao longo dos tempos, ao mesmo tempo em que torna possível perceber que ao sistematizar o conhecimento construído, depara-

se com aquilo que ainda está inacabado. Desta forma, esse mesmo pesquisador pode dedicar-se para que cada pesquisa seja feita com atenção crescente, acessando os diversos tipos de “saberes” inerente ao objeto a ser estudado.

É possível perceber que há uma movimentação na contrapartida, na qual Romanoswki; Ens (2006) afirmam que o interesse por pesquisas que focam no “estado do conhecimento” tem uma abordagem que possivelmente deriva da abrangência desses estudos para apontar caminhos que podem ser tomados e aspectos que ainda precisam ser abordados. Portanto, a realização desse tipo de estudo possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área de conhecimento que vem sendo investigada. Em vista disso, as autoras também destacam que nos últimos quinze anos têm sido produzidos um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação: “estado da arte” ou “estado do conhecimento” entre os diversos campos de pesquisa. Esses estudos têm caráter bibliográfico e parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento.

Assim, ao adotar o estado do conhecimento, usamos como propõe Ferreira (2002, p.258) a “metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema o da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar”. Para tanto, utilizou-se como descritores chaves “Escola floresta e territorialidades amazônicas”. Os descritores chaves foram acompanhados dos subdescritores: educação na Amazônia.

Esse estudo foi realizado no segundo semestre de 2021 e para atender aos objetivos propostos, optou-se por fazer um recorte temporal de 2010 a 2021 pela baixa de produções publicadas que dialogavam com as territorialidades amazônicas. Os descritores foram utilizados na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), denominada “Periódicos Capes”, especificamente a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações- BDTD, coordenada pelo instituto brasileiro de informação, ciência e tecnologia que é um portal virtual de busca de textos e conteúdos completos de teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa, possibilitando a busca por título ou autor. Até 2021, ela teve registros de dissertações e teses de 127 intuições de ensino superior brasileiras.

A busca inicial foi desenvolvida pelo descritor-chave “Escola Floresta”, tendo como resultado o levantamento de 723 obras que envolveram essa temática como centro de investigação. Em seguida, foi estabelecido um protocolo para a inclusão e exclusão dos trabalhos como: identificação de documentos repetidos, avaliação dos títulos e dos resumos (*abstracts*), fazendo um refinamento da temática com as pesquisas que evidenciassem o seu *locus* as territorialidades amazônicas. Dessa forma, foram identificadas, no período 2010 a 2021, 05 teses de doutorado e 01 dissertação de mestrado as quais envolveram o tema Escola Floresta e que estão no banco de dados da BDTD CAPES.

Para análise, foi elaborada uma espécie de mapa conceitual em todas as dissertações e teses sobre Escola Floresta. Essa organização contribuiu com uma visualização mais ampla para analisar os sentidos e significados sobre Escolas Florestas nas territorialidades amazônicas e suas articulações com outras temáticas a partir da centralidade de cada objetivo de estudo. O processo de análise dos dados, os quais foram categorizados por temática orientada por Bardin (2004), nos permitiu uma compreensão mais sistemática das produções a partir de uma análise descritiva analítica.

2 RESULTADOS E ANÁLISES

Na primeira etapa de análise, catalogou-se 06 pesquisas de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado apresentados às instituições do território brasileiro e que constam no banco de dados da BDTD sendo, 05 teses de doutorado e 01 dissertação de Mestrado.

Quadro 1 – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações com pesquisa na Temática: Escola Floresta no período de 2010-2021 (acrescentar as teses e dissertações)

| Nº | Ano de Publicação | Temática – Escola Floresta (2010 – 2021) | | |
|----|-------------------|--|---|---|
| | | I E S | Lócus | Categoria de análise |
| 01 | 2013 | USP | Escola de Linha no Interior da Floresta Amazônica RONDÔNIA | Pedagogia Alternativa - Pedagogia da diversidade e acolhimento. |
| 02 | 2013 | UNB | Curso profissionalizante-técnico agroflorestal da Escola Floresta – ACRE | Experiência vivida – comunidade aprendente. |
| 03 | 2017 | UFAM | Análise das práticas socioeducativas da Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos. | Pedagogias Alternativas – alternância analisa as contribuições da pedagogia da alternância no Amazonas. Participação dos povos tradicionais da Amazônia dos processos de desenvolvimento local. |
| 04 | 2017 | UFPA | Povos e movimentos sociais do Amazonas povos do campo e com as territorialidades das águas, das terras e das florestas. | Construção histórica da educação do campo. |
| 05 | 2018 | UFAM | Possibilidade de tornar a cultura, a dimensão fundante da educação transdisciplinar na floresta- São José em Benjamin Constant, Região do Alto Solimões – Amazonas. | Manifestações culturais e processos educativos. Condição humana do ribeirinho, a vida em comunidade amazônica de várzea, a fim de entender como em seu cotidiano os ribeirinhos vão criando seus modos de vida, suas práticas e socializações. |
| 06 | 2019 | UFOPA | Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo principal analisar o desenvolvimento da PNEA, Lei 9.795/99, através do trabalho das escolas da Floresta e do Parque, polos disseminadores de Educação Ambiental na rede municipal de ensino, no município de Santarém (PA). | Implementação da Lei 9.795/99 PNEA Políticas de educação ambiental vem sendo desenvolvidas nas Escolas parque e da Floresta, em Santarém – Pa. |

FONTE: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Das produções encontradas e inseridas no banco de dados, todas foram disponibilizadas pelos programas acadêmicos de diferentes áreas de conhecimento em instituições de ensino superior brasileiras, com programas reconhecidos pela CAPES:

Universidade Federal do Amazonas – UFAM; Universidade Brasília – UnB; e Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA.

Sendo assim, a partir da proposta sobre territorialidades amazônicas, vistas sob a ótica das relações territoriais, ou seja, nas dinâmicas de vida no entrelace entre cultura e território, esses aqui não são vistos apenas pelo conceito espacial, mas também pelo viés dos povos e populações humanas viventes na Amazônia.

Assim, as teses e dissertações refletem a diversidade amazônica enquanto *locus* de estudo; um estudo teve como *locus* a Escola de Linha de Rondônia no território de Rondônia; no Amazonas, foram realizadas três pesquisas: na Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos, na comunidade José em Benjamin Constant, Região do Alto Solimões e ainda com os movimentos sociais do Amazonas; no território do Acre, o estudo foi realizado no Centro de Educação Profissional Roberval Cardoso - Escola da Floresta; no estado do Pará, a pesquisa foi realizada nas escolas municipais do Parque e da Floresta no município de Santarém. Configurando assim a diversidade da temática e ao mesmo tempo mostrando a necessidade de discutir a escola floresta em outros espaços da Amazônia, bem como a exposição de outras problemáticas de estudos e pesquisas no âmbito dos cursos de mestrado e doutorado.

Ressalta-se que as pesquisas inseridas nesse estudo, contextualizam experiências escolares na Amazônia brasileira, mais estritamente áreas ribeirinhas e de floresta, trazendo traços culturais das populações tradicionais nas quais dialogam com as características das territorialidades amazônicas.

Na análise quanti-qualitativa, buscou-se tanto compreender os sentidos sobre a Escola Floresta quanto analisar como os autores apresentam seu objetos de estudo em relação a categoria central escola floresta, a partir de seus fenômenos de estudo: Pedagogias Alternativas, (diversidade, acolhimento e alternância); experiência vivida/comunidade aprendente; construção histórica da educação do campo; manifestações culturais /condição humana dos ribeirinhos; política educacional de educação ambiental.

2.1. SENTIDOS CONSTRUÍDOS SOBRE ESCOLA FLORESTA

Em 2013, foram identificadas duas teses de doutorado que trataram da Escola Floresta na Amazônia, apresentadas às instituições fora desse território, revelando o interesse da temática para além do amazônico sob as seguintes titulações “A escola de linha em Rondônia: pedagogia da diversidade e acolhimento discente no interior da floresta amazônica” de Rosângela Aparecida Hilário, apresentada à Faculdade de Educação da USP, a qual mostra uma escola de floresta e da diversidade, nas quais os herdeiros de pais não bem sucedidos nas várias economias da exploração da floresta se abrigam para sobreviver, trocar saberes e construir uma nova organização da cultura.

Suas escrituras atravessadas pelo desejo de dar voz aos sujeitos atores do processo das escolas da floresta e tornar visível o seu sistema educacional periférico apresentam as representações sociais desses sujeitos sobre o espaço/lugar da escola de linha e como entendimento da diversidade cultural como valor a ser agregado ao currículo é importante que os sujeitos tenham sucesso em suas práticas. Nessa direção, os resultados apontam que embora esta escola em muitos casos represente a única presença do Estado no Território, não basta universalizá-la, é preciso viabilizar o acesso e fazer valer o estar na escola dando voz e relevância à cultura vivenciada pelos diversos fora da escola.

A Tese “Educação na Contemporaneidade: nutrindo-se com a experiência da escola da Floresta Acre, Brasil” da autora Fabiana Mongeli Peneireiro, apresentada à Faculdade de Educação da UnB. Analisou experiências vivenciadas pelas pessoas envolvidas nas duas primeiras turmas do curso profissionalizante técnico agroflorestal da Escola Floresta. E apresenta a Escola Floresta como uma comunidade aprendente, no qual os profissionais

formados para além da formação técnica mostraram um perfil emancipatório, crítico, comunicativo, com uma visão sistêmica de mundo, inclinados para a construção coletiva do conhecimento, com abertura para o outro e o diferente (alteridade). Essas afirmativas são ancoradas em valores como: não quererem qualquer emprego pelo dinheiro, mas trabalharem no que acreditam; fazer com as pessoas e não pelas pessoas; valorizar todas as formas de vida; cuidar do meio pensando nas gerações futuras; fazer a diferença querendo transformar a sociedade.

Neste trabalho a ideia de escola floresta nasce da utopia da sustentabilidade do governo do Acre⁴. Uma escola pensada desde 1999 e implementada em 2002 com a missão de “Promover a educação para o trabalho que valorize os recursos naturais, a cultura e os conhecimentos locais para o desenvolvimento sustentável da Amazônia” (GEPRO, 2004).

Em 2017, após um intervalo de quatro anos sem produções, a pesquisa intitulada “Pedagogia da Alternância no Amazonas: uma práxis dos movimentos sociais da floresta e das Águas” do Autor André Oliveira de Melo apresentada também ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UFAM, nos remete para a inclusão do homem amazônico na educação do campo, da floresta e das águas, trazendo à categoria pedagogias alternativas, pautada no diálogo com conteúdo curricular e emancipação social. Para tanto, analisou as contribuições da pedagogia da alternância para a educação das populações tradicionais do Amazonas, assim como compreender de que forma que os povos tradicionais da Amazônia participam dos processos de desenvolvimento local.

Atravessado pelo debate da educação do campo Melo (2017) apresenta a contextualização da pedagogia da alternância no Amazonas, iniciativa dos ativistas ambientalistas e do protagonismo juvenil dos cursos agroecologia e agentes da agricultura familiar para estudar as famílias dos alunos inseridos na formação da Casa Familiar Rural de Boa Vista dos Ramos. Assim, embora o autor apresente em seu título a ideia dos movimentos sociais da floresta, a educação em debate é a educação do campo, exposto como uma conquista histórica dos trabalhadores e movimentos sociais do campo, dentre eles os povos da floresta. Neste enfoque, a pedagogia da alternância é o desdobramento dessa luta maior por uma educação autônoma, participativa e de feição local, representada nesse texto como uma proposta alternativa para que os trabalhadores do campo possam ter a sua cultura local como lastro de conteúdo curricular voltado para a emancipação social e para o desenvolvimento socialmente referendado por essa cultura e sujeitos.

Ainda em 2017, Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos apresentou à Universidade Federal do Pará a tese intitula “Educação do Campo no Amazonas: História e Diálogos com as Territorialidades das Águas, das Terras e das Florestas” analisando a construção da História da Educação do Campo no Amazonas a partir das experiências de participação de sujeitos coletivos do campo em diálogo com a diversidade sociocultural dos povos do campo e com as territorialidades das águas, das terras e das florestas.

Para Vasconcelos (2017) a construção da História da Educação do Campo no Amazonas se articulou às trajetórias de movimentos sociais e de organizações populares das décadas de 1980 e 1990, como o MEB/AM⁵, o Movimento Ribeirinho do Amazonas, o GRANAV⁶ e o NEPE/UFAM que atuaram na área da educação popular e problematizaram a

⁴Uma visão de desenvolvimento pautado nos preceitos da sustentabilidade, com a valorização do ativo florestal, e, portanto, com estímulo ao uso dos recursos florestais e criação de mercado para tais produtos, redução do desmatamento e queimadas, o que pressupõe mudança no uso da terra e a necessidade de profissionais capazes de orientar e responder às demandas criadas pela proposta de governo criado pelo Decreto nº 3.864 de 18 de julho de 2001.

⁵ MEB/AM – Movimento de Educação de Base. Criado pela Igreja Católica no início de 1961 através da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB).

⁶ GRANAV - Grupo Ambiental Natureza Viva.

realidade da educação dos povos do campo e às questões referentes aos territórios das águas, das terras e das florestas e, mais recentemente, também se articularam às instituições e movimentos como INCRA/PRONERA/AM, UFAM, UEA, IFAM, CPT/AM, FETAGRI/AM⁷, Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos e SEMED/Manaus. Essas diferentes Instituições e movimentos em tempo e espaços diferenciados fazem com que a autora afirme que a Educação do Campo do Amazonas ainda se encontra em construção, em debate, em movimento e que dialoga com as territorialidades das águas, das terras e das florestas.

Nesta perspectiva, o estudo não apresenta o conceito de escola floresta. Ela estabelece o diálogo entre a educação do campo e território e as territorialidades amazônicas, dentre as quais se encontra a floresta. Vasconcelos (2017) revela “tornei-me parte de um coletivo de agricultores rurais que viam a riqueza material e imaterial da floresta, tornei-me, também, filha da floresta. Sempre digo que carrego no coração a memória da floresta, porque foi por meio dela que vi o mundo” (VASCONCELOS, 2017, p. 18). Ou ainda, quando diz “Norte nós somos floresta, como diz o Salomão, floresta, água, rios, nós somos igarapés. Então, nós temos uma variedade imensa, somos extrativistas, somos pescadores, somos meeiros, somos assentados, nós somos índios, nós somos quilombolas” (VASCONCELOS, 2017, p. 18).

Desta forma, o estudo de Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos apresenta a diversidade como uma centralidade histórica que contribui para afirmar que tanto as diversidades socioculturais quanto a diversidade territorial estão relacionadas à vida dos ribeirinhos, dos quilombolas, dos extrativistas e dos indígenas, porque é a dinâmica das águas, das terras e das florestas que encontramos as marcas da vida na Amazônia e no Amazonas, expressando permanentes diálogos com diferentes territórios.

No ano seguinte, 2018, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM a tese intitulada “A escola na floresta: manifestações culturais e processos educativos em comunidades tradicionais do Alto Solimões /AM”, cuja autoria é de Jarliane da Silva Ferreira, estudou manifestações culturais e processos educativos como possibilidade de tornar a cultura uma dimensão fundante da educação transdisciplinar na floresta a partir do diálogo entre a Educação, Antropologia e Sociologia. Nesse caminho, as perspectivas da transdisciplinaridade de Edgar Morin, bem como os escritos sobre a Amazônia e suas comunidades tradicionais, puderam dar suporte para refletir sobre possibilidades de outras pedagogias para a discussão de uma escola na floresta.

Ancorada em Diegues (2009) e no debate da educação do Campo, a autora compreende a floresta como diversidade da vida que a floresta oferece não é vista apenas como “recurso natural”, mas também como um conjunto de seres vivos que têm um valor de uso e um valor simbólico, integrado em complexa cosmologia, no qual conhecimento tradicional é definido como o “saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural, sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não-urbano/industrial, transmitidos oralmente de geração em geração” (DIEGUES, 2009, p.02).

Nesta direção, a Escola floresta é entendida como espaço de vida e cultura dos povos da Floresta no Alto Solimões. Traz em suas escrituras a ideia que a educação institucionalizada - entendida aqui como escolas multisseriadas - implementada nas comunidades tradicionais, estão dissociadas da condição humana dos povos ribeirinhos, seu imaginário, sua ancestralidade e suas formas de produção. Dessa forma, ao articular a cultura como dimensão fundante de escola transdisciplinar na floresta, dá o sentido de uma escola que se contrapõe às lógicas instauradas pelo modelo de currículo vivenciado nas escolas de modo geral e, mais fortemente, na escola em comunidades tradicionais. Assim, a ideia de Escola na Floresta aparece como uma possibilidade de outras pedagogias por meio da

⁷ FETAGRI – Federação de Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura.

inter/transdisciplinaridade rompendo com a visão de produção de conhecimento aliado à fragmentação do saber e das áreas do conhecimento.

Em 2019, Paula de Souza Ferreira apresenta a dissertação intitulada “Políticas de Educação Ambiental: a realidade das Escolas Municipais do Parque e da Floresta”, em Santarém (Pa) – Brasil, com objetivo de analisar o desenvolvimento da PNEA, Lei 9.795/99, através do trabalho das escolas da Floresta e escola Parque, polos disseminadores de Educação Ambiental na rede municipal de ensino, no município de Santarém (PA).

Os resultados da pesquisa de Ferreira (2019) apontam para ausência de articulação entre a proposta da Política Nacional de Educação Ambiental nos Planos Municipais de Educação - PME's analisados. Por se tratar de uma pesquisa que analisa a política ambiental dentro da Escola Floresta, o texto apresenta sua caracterização destacando sua criação em 02 de junho de 2008 como uma iniciativa da prefeitura municipal de Santarém de unir a teoria sobre educação ambiental com a prática e, por conseguinte, proporcionar ao aluno sensações que ele não teria em sala de aula. (PPP Escola da Floresta, 2018/2021). A iniciativa idealizada para atender a demanda das escolas municipais com turmas de 6º ao 9º ano, sua visão institucional é ser referência em Educação Ambiental no Município de Santarém, como instituição de ensino que transmite aos indivíduos conhecidos voltados ao meio ambiente, tanto local quanto global, para preservá-lo e, assim, contribuir social, cultural e sustentavelmente. (PPP Escola da Floresta, 2018/2021).

Nesta perspectiva a Escola Floresta é vista como promotora da Educação Ambiental de qualidade no sentido de contribuir para um ambiente ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e primado pelo desenvolvimento sustentável, mudança de comportamento e postura de todos os envolvidos no processo educacional no Município de Santarém.

Diante do exposto, podemos dizer que os sentidos sobre Escola Floresta se ancoram a partir de dois movimentos distintos embora dialogam entre si: o primeiro articulado a ancestralidade dos povos e populações tradicionais como outra lógica culturalmente contextualizado; a segunda articulada ao debate da educação ambiental sendo construídas como políticas de governo.

2.2 DIÁLOGOS CONSTRUÍDOS COM E SOBRE A ESCOLA FLORESTA

Os resultados da pesquisa revelam que os diálogos construídos pelos pesquisadores em relação à Escola Floresta apontam para o desejo de uma escola do campo, das águas e florestas, com infraestrutura de qualidade e viável para o contexto amazônico a partir das interrelações com diferentes campos: a) Pedagogias Alternativas; b) Experiências vividas e comunidades aprendentes; c) Política educacional e Educação ambiental; e) Construção histórica e social.

Figura 1- Teia de sentidos Escola Floresta



a) Pedagogias Alternativas

No diálogo com a Escola das Florestas, a ideia das pedagogias alternativas, no contexto amazônico, está inserida nos projetos de educação do campo voltadas para as territorialidades dos povos do campo, das águas e das florestas a partir das pedagogias: da alternância e da diversidade e acolhimento.

As pedagogias da alternância nos territórios amazônicos estão relacionadas ao princípio do direito a educação dos povos da Amazônia e às lógicas alternativas de desenvolvimento local; remetem ao respeito do tempo e espaço produtivo, como reconhecimento e valorização da cultura local ancorando a proposta curricular voltada para emancipação social e o desenvolvimento regional, socialmente referenciados pelas populações tradicionais, discutida por Melo (2017) a partir das práticas socioeducativas da Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos. Segundo esse autor, a pedagogia da Alternância traz em seu âmago os princípios e fundamentos da educação do campo, da agroecologia e da economia solidária na Amazônia e tem suas práticas voltadas para a escolarização dos povos tradicionais.

Para Melo (2017), a Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos, por intermédio da Pedagogia da Alternância, articula um conceito de desenvolvimento sustentável que vem ao encontro da vida numa inter-relação sociedade/indivíduo/natureza, o que dialoga com o sentido da Escola na floresta e suas relações com a educação para sustentabilidade, a preservação da diversidade ecológica. A Pedagogia da Alternância, no contexto amazônico, atinge de estudantes, educadores, militantes, instituições públicas, povos e comunidades tradicionais. Todos movidos e envolvidos num debate sobre o papel da educação no processo de desenvolvimento rural sustentável, tendo como fio condutor uma pedagogia da floresta e os princípios e fundamentos de uma agricultura de base ecológica e uso múltiplo.

A subcategoria “Pedagogia da diversidade e do acolhimento”, por sua vez, está organizada em torno da assistência social, da interação no atendimento da diversidade, implementada na escola de Linha de Rondônia como forma ressignificar a escola como espaço do diverso. Para Hilário (2013), as linhas são estradas de terra nas quais se organizam comunidades remanescentes dos períodos econômicos de efervescência no extrativismo na e da floresta, e que, ao final de cada ciclo econômico, perdiam sua funcionalidade e eram abandonados a mercê da própria sorte. Nesse contexto de ressignificação da escola e seu papel, a pedagogia do acolhimento é pautada como práticas sistematizadas para aprender *a vir a ser no mundo*, a partir da convivência mestiça dentro da escola, que poderiam ser classificadas como espaços das florestas para os oprimidos.

Dessa forma, as escolas na floresta, com suas pedagogias alternativas, alternância e da diversidade e acolhimento destacam a Amazônia com seus mistérios e lendas, organizando as vidas, as finanças e até mesmo o calendário escolar das comunidades. As escolas organizadas de acordo com os territórios que estavam instaladas, fizeram surgir saberes, práticas e pedagogias especiais para cada territorialidade Amazônica.

b) Categoria Experiência vivida/comunidade aprendente

A sub categoria “Experiência vivida/comunidade aprendente”, analisada por Peneireiro (2013) a partir do contexto do curso técnico Agroflorestal da Escola da Floresta do estado do Acre, descreve, por meio da autora, uma Escola Floresta criada como modelo alternativo de currículo, com itinerário estruturado em momentos de escola e formação profissional, baseado nos ideais da sustentabilidade e de uma educação libertadora, com objetivo de formar profissionais que respondessem às necessidades apresentadas nos territórios rurais amazônicos. Uma proposta curricular que aliava a perspectiva da

sustentabilidade, produção, qualidade de vida e conservação dos recursos naturais como forma de potencializar o desenvolvimento sustentável a partir de incremento de profissionais competentes.

Assim, a partir da ideia de experiência vivida no processo formativo apreendido simbólico, cultural e afetivamente pelos alunos do curso se produzem valores, constroem-se sentidos e imagens em relação aos lugares, possibilitando articular o conceito de comunidade aprendente, aquela que inserida na experiência formativa potencializa o protagonismo do processo de transformação social, no contexto das necessidades regionais e globais do novo milênio.

c) Construção histórica e social

Ainda discutindo sobre as subcategorias encontradas nas produções que embasaram esse estudo e suas dialogicidades com Escola Floresta Vasconcelos (2017), utilizou-se a subcategoria construção histórica, na qual a autora afirma que os territórios amazônicos historicamente estiveram ligados às lutas pela terra e pelas diversas formas de violências, de impunidades, de massacres e exclusão social.

São lutas de cunho político, social e cultural nas quais a terra é pensada em sua totalidade de produção de sentidos para além da produção agrícola. A terra é pensada como estratégia de transformação social e como matriz de produção de saberes, “terras do chão molhado das várzeas, das terras-firmes e das florestas do Amazonas” que podem servir de referência para a educação e para os processos educativos dos movimentos sociais. A luta pela terra que em sua totalidade se vincula às florestas e às águas, assim como às estratégias de luta pela educação e outros direitos sociais no campo.

Nessa subcategoria, as práticas culturais e as condições de existência dos ribeirinhos foram analisadas por Ferreira (2018), com objetivo de compreender como torná-los eixos norteadores da educação transdisciplinar na escola floresta. Nesta perspectiva, a condição humana dos ribeirinhos amazônicos é vista como elemento fundamental para entender o modo de os ribeirinhos criarem seus modos de vida, suas práticas e socializações e, de que forma, essas manifestações culturais estavam envolvidas com os processos educativos dessas comunidades rurais na Amazônia.

Nesse sentido, Ferreira (2018) afirma que os princípios que orientam a proposta da Escola na Floresta envolvem a interrelação dos saberes formal e não formal; locais e planetários; reconhecimento da condição humana do ribeirinho. Nesse contexto, a proposta da escola na floresta aponta para a possibilidade de realizar o trabalho com vistas à interrelação entre as diferentes etapas de ensino em turmas multisseriadas, ou seja, aquilo que os professores apontam como um problema pode ser a saída para tornar o trabalho pedagógico menos complicado e cansativo. Romper os modelos opressores e homogeneizadores e refletir com os próprios sujeitos a escola que querem e precisam nesse mundo globalizado e plural.

d) A categoria política educacional de educação ambiental

O diálogo realizado utilizado por Ferreira (2019), a partir do contexto da Escola Floresta, de Santarém, ocorreu por meio do enfoque na política educacional de educação ambiental às experiências da Escola Floresta. A autora destaca o papel da escola de transmissora de conhecimentos ambientais, tanto local quanto global para preservação do meio ambiente e, assim, contribuir social, cultural e sustentavelmente (PPP Escola da Floresta). Dessa forma, ressalta a impossibilidade de pensar em meio ambiente e educação ambiental sem relacionar o papel social da educação na promoção da conservação e preservação por meio das ações individuais e coletivas adotadas pela população.

Para autora, a Escola da Floresta se constitui uma experiência isolada, embora seja reconhecida como referência em Educação Ambiental no Município de Santarém – PA, no entanto há a necessidade da Secretaria Municipal de Educação, por meio do seu núcleo de Educação Ambiental, desenvolver um trabalho articulado dessa escola com as demais escolas da rede municipal de ensino, ampliando essa proposta inclusive com a captação de recursos com o órgão gestor na esfera Federal.

Em síntese, observa-se que os diálogos estabelecidos pelos autores das teses e dissertações em suas pesquisas sobre Escola Floresta apresentam contraposições aos modelos da escola pensada para as sociedades urbanas. Para tanto, princípios e práticas são construídas como forma de construir novos processos de aprendizagem em comunidades tradicionais. Assim, os diálogos sobre as Escolas da Floresta confirmam experiências transformadoras o que nos impulsiona conhecer melhor essas lógicas, demonstrando as ações e relações simbólicas que construímos em torno dessas experiências. Dessa forma, quando podemos inferir que a Escola Floresta não é separada das territorialidades, nelas são projetadas sonhos e perspectivas de educação escolar culturalmente contextualizada. É nesse sentido que experiências como essas precisam ser evocadas como possibilidades de problematizar a construção de novos modelos de escola.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo e levantamento de informações é que se pode perceber que essas preocupações aqui levantadas, acompanhadas das análises referentes aos sentidos construídos a respeito da Escola floresta e das categorias de análises, podem contribuir para a construção de uma nova lógica para a construção de escolas para os povos do campo, das águas e florestas. Além disso, fica evidente a necessidade de novas pesquisas sobre a escola floresta e os diálogos com as territorialidades amazônicas.

Foi possível perceber que toda essa discussão tem por objetivo expressar algumas limitações dos catálogos ou bancos de dados acerca da produção acadêmica, no que se refere a uma divulgação no âmbito das pesquisas relacionadas aos conhecimentos das Florestas Amazônicas, da educação na Amazônia, no que se referem os saberes populares, dos povos tradicionais e os movimentos interrelacionados à identidade construída ao longo dos tempos por essas populações envolvidas neste processo, de trocas de conhecimentos e experiências vivenciadas entre escola e comunidade.

Neste sentido, os estudos aqui descritos demonstram uma ampla relação entre a Escola Floresta e a pluridiversidade das territorialidades Amazônicas, bem como os debates correlacionados aos saberes tradicionais das florestas, dos campos e das águas, como também para acessar os diversos tipos de “saberes” e sobre o conhecimento inerente ao objeto a ser estudado a respeito das perspectivas de como os mesmos se projetam nas escolas.

Os diálogos estabelecidos nas teses e dissertações em perspectivas diferentes mostram um movimento de resistência das populações tradicionais diante aos modelos hegemônicos e urbanocêntricos de se pensar a escola, ou ainda tentativas governamentais de articular as propostas educacionais às populações da Floresta a educação ambiental.

As experiências descritas nos estudos, embora façam parte de ações pontuais, revelam práticas transformadoras, a partir das lógicas e desejos das populações Amazônicas, as quais demonstram as ações e relações simbólicas construídas em torno dessas experiências que projetam exemplos de educação escolar culturalmente contextualizada.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. E. **Reflexões Sobre Natureza, Território e Territorialidade**. Porto Alegre.2018. Disponível em:
<https://portaleventos.uuffs.edu.br/index.php/EEG/article/view/10425>. Acesso em: 15 jan.2022.
- BECKER, B. K. **Novas territorialidades na Amazônia: Desafio as políticas públicas**. Emílio Goeldi , p.17-23. Belém, 2010.
- CORDEIRO, M. A. de S. **“A canoa da cura ninguém nunca rema só” o se ingerar e os processos de adoecer e curar na cidade de Parintins (AM)**. 282f. Tese doutorado. Programa de Pós-graduação em antropologia social. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- CRUZ, R.B. **Floresta- Escola: práticas educativas na/para/com e pela Natureza**. Orientado: Professor Doutor Levindo Dinis Carvalho. Instituto Universitário de Lisboa, 2019.
- FERREIRA, N. S. A. **Pesquisa em leitura: Um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 1999.
- FERREIRA, N. S. de A. As Pesquisas Denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**. S.l .2002.
- FERREIRA, J. da S. **A escola na floresta: manifestações culturais e processos educativos em comunidades tradicionais do Alto Solimões/AM**. 2018. 236 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.
- FERREIRA, P. de S. **Política Nacional de Educação Ambiental: a realidade das escolas municipais do Parque e da Floresta, em Santarém (PA), Brasil**. 109 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019. Disponível em:<https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/130>. Acesso em: 12/06/2023.
- HILÁRIO, R. A. **A escola de linha em Rondônia: Pedagogia da diversidade e acolhimento discente no interior da floresta amazônica**. Orientador: Nídia Nacib Pontuschka. 2013.233. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- LIMA, G. S. N.; Colares, M. L. **A pesquisa em educação na Amazônia: desdobramentos da pós-graduação**. Revista Cocar. V.15 N.32/2021 p.1-16.
- MEDAETS, C. V. **Práticas de transmissão e aprendizagem no baixo Tapajós: contribuições de um estudo etnográfico para educação do campo na Amazônia – Université Paris Descartes**, 2013.
- MELO, A. de O. **Pedagogia da Alternância no Amazonas: uma práxis dos movimentos sociais da floresta e das Águas**. 2017. 206 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- NEVES, J. D’Arc. V.; BRASILEIRO, T. S. A. Territorialidades Amazônicas: sentidos e produção de conhecimentos e os desafios da formação de professores no contexto atual. **Humanidades & Inovação Amazônias**. Palmas, v. 7 n. 15. ISSN 2358-8322. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/80>. Acesso em: 12 jul 2023.

PENEIREIRO, F.M. **Educação na contemporaneidade**: Nutrindo-se com experiência da Escola da Floresta, Acre, Brasil (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB>. Acesso em: 12 jul. 2023.

PNEA. **LEI Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, 27 de abril de 1999; 178o da Independência e 111o da República.

ROMANOWSKI, J P.; ENS, R. T. As Pesquisas Denominadas do Tipo “Estado Da Arte” Em Educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, 2006.

SILVA, P.L. **Mínima Muralha e Educação**: Reflexões sobre a Formação Humana na e Educação Rural. Orientador: Eloísa Helena Santos, 2006. 280. Tese de Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e, Inclusão Social Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SOARES, M. B.; MACIEL, F. P. **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. Disponível em: <http://www.mec.inep.gov.br>, 2000. Acesso em: 23 mar. 2022.

VASCONCELOS, M. E. O; ALBARADO, E. C. Educação, formação docente e Territorialidades. **Revista Espaço Acadêmico**, n 223. 2020.